

# A interação entre Caxias e Inhaúma no Rio Paraguai

## Armando de Senna Bittencourt

Vice-Almirante (EN-Ref<sup>o</sup>), graduado em Ciências Navais pela Escola Naval, em Engenharia Naval pela Universidade de São Paulo e mestre em Arquitetura Naval pela Universidade de Londres. É autor de diversos artigos e livros sobre História e Engenharia Naval. Atualmente é membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e o Diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.

### RESUMO

Designado o Marquês de Caxias para o cargo de Comandante-em-Chefe de todas as Forças brasileiras na guerra contra o Paraguai, o Comando da Força Naval do Brasil coube, por escolha dele, ao Chefe-de-Esquadra Joaquim José Ignácio. A partir de então, havia unidade de comando nas Forças brasileiras. Sem dúvida, de fundamental importância para o bom êxito alcançado nessa guerra, foi o perfeito entendimento e cooperação entre o Marquês de Caxias e o Visconde de Inhaúma, objeto de análise desta comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guerra da Tríplice Aliança, Marquês de Caxias, Visconde de Inhaúma

### ABSTRACT

When the Marquis Caxias was assigned to the position of Commander in Chief of all Brazilian Forces, he chose the Fleet Commander Joaquim José Ignácio to be in charge of the Brazilian armada. The perfect understanding and cooperation between the Marquis of Caxias and the Viscount of Inhaúma was of fundamental importance to the success achieved in this war, and is to be the object of analysis in this paper.

**KEY-WORDS:** Triple Alliance War, Marquês of Caxias, Visconde of Inhaúma

A Guerra Civil Americana (1861-1865), que foi o conflito mais sangrento do continente americano, ainda não havia terminado quando se iniciou a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, na América do Sul. Foi uma guerra terrível, na qual ocorreram os sacrifícios e barbaridades peculiares à violência dos conflitos humanos de longa duração. Não se sabe exatamente seu número de vítimas, mas pode-se assegurar que ela tem o segundo lugar garantido. Foram cinco longos anos que exigiram do Brasil um enorme esforço de mobilização que, por outro lado, muito contribuiu para sedimentar a nacionalidade brasileira. Nessa época, as regiões do País mal se comunicavam por terra e foi nessa guerra que os brasileiros de todas as origens – regionais e sociais – se conheceram melhor. Eles alcançaram uma vitória notável, em condições muito adversas, motivados pela defesa dos interesses da Pátria.

O ditador do Paraguai, Francisco Solano López, poderia ter vencido se fosse uma guerra rápida e ele conseguisse efetivar a adesão dos argentinos fiéis a Urquiza e dos uruguaios do Partido Blanco, seus potenciais aliados. Apesar de o Paraguai estar se mobilizando desde o início de 1864, ele deveria ter esperado o recebimento dos navios encouraçados que encomendara na Europa, que lhe garantiriam o controle dos rios, que eram as principais vias de comunicação na região. A sucessão de vitórias que López conseguiu no início foi interrompida pela Batalha Naval do Riachuelo, no Rio Paraná, em junho de 1865.

Riachuelo foi uma batalha que pode ser considerada decisiva para a estratégia aliada. Garantiu o bloqueio do Paraguai; praticamente eliminou a participação futura da Esquadra paraguaia; e mostrou aos argentinos e uruguaios simpatizantes de López o risco que correriam com sua participação no conflito, pois aquela não seria mais uma guerra rápida, em que o Paraguai tinha uma boa probabilidade de vitória. Riachuelo mudou o curso da guerra.

Essa batalha teve como origem a operação conjunta aliada, que pretendia recuperar a cidade de Corrientes, então ocupada pelos inimigos. As tropas desembarcadas foram repelidas pouco depois. O ataque foi um fracasso, mas mostrou para os paraguaios o perigo do flanco exposto à projeção de Poder Naval, para sua coluna de Exército, que ocupava território argentino e avançava para o sul, pela margem esquerda do Paraná. Era óbvio que era necessário derrotar a Força Naval brasileira que, em junho de 1865, estava em frente à Corrientes após o reembarque das tropas aliadas, praticamente na retaguarda das forças terrestres invasoras. O ataque paraguaio, em 11 de junho de 1865, levou à derrota de sua Esquadra em Riachuelo. Poderia, talvez, ser bem-sucedido se tivessem levado adiante a abordagem dos navios brasileiros fundeados, ou se Barroso aceitasse a perda de três de seus nove navios e não regressasse rio acima para, em mais um combate, vencer a batalha, após passar pela primeira vez pela região do Paraná próxima à foz do Riachuelo, escapando de uma verdadeira armadilha.

De forma semelhante ao que ocorreu durante a Guerra Civil Americana, na bacia do Rio Mississipi, a Guerra da Tríplice Aliança se caracterizou pela importância das operações combinadas ou conjuntas – o termo depende de haver ou não unidade de comando na operação – entre Marinha e Exército. No teatro de operações, a logística da guerra e as operações militares muito dependeram dos grandes rios da região, o Paraná e o Paraguai.

Ocorreram outras operações navais, durante o conflito, de maior envergadura tática do que Riachuelo. O desembarque de Passo da Pátria, por exemplo, foi uma operação conjunta de grande vulto, em que o Exército da Tríplice Aliança invadiu o território do Paraguai. Foram transportados, pelo menos, uns 45 mil homens e também cavalos, canhões, equipamentos e provisões. Depois, ocorreram também operações conjuntas importantes, em Curuzu e Curupaiti.

Nessa fase inicial da guerra, o Comando Geral dos Exércitos Aliados era exercido pelo Presidente da República Argentina, General Bartolomé Mitre. As Forças Navais do Brasil não estavam diretamente subordinadas a ele. Havia-se intencionalmente previsto no Tratado da Tríplice Aliança que não haveria essa subordinação. O comando das Forças Navais brasileiras, que representavam praticamente a totalidade do Poder Naval presente no teatro de operações, era exercido pelo Visconde de Tamandaré, que também não estava subordinado ao comando das Forças Terrestres brasileiras. As operações em que participavam forças navais e terrestres eram, portanto, operações conjuntas, sem unidade de comando. Aliás, durante a Guerra Civil Americana, também não houve unidade de comando entre forças navais e terrestres, o que não impediu o bom êxito em uma grande quantidade de operações conjuntas realizadas pelos Estados Unidos da América, na bacia do Misissipi. Concorreu para isto o bom entendimento, confiança, amizade e cooperação entre os que lá exerciam o comando, principalmente entre o General Ulysses S. Grant e o Comodoro David D. Porter. Cabe observar que o início da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai se caracterizou pela falta de unidade de comando, mesmo nos exércitos, onde, formalmente, cabia a Mitre o comando geral. Os brasileiros não confiavam nos argentinos, seus inimigos recentes nos conflitos anteriores da região do Rio da Prata. Artur Silveira da Mota, o Barão de Jaceguai, que exercia, então, a função de secretário de Tamandaré, é bastante claro neste aspecto, em seu livro *Reminiscências da Guerra do Paraguai*. Richard Burton, em seu *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*, opina que a aliança entre brasileiros e argentinos era uma "amizade de cão e gato"

Em Curupaiti houve a maior derrota aliada. O preparo da operação foi, provavelmente, insuficiente. Mitre não fizera um reconhecimento completo e, também, faltara-lhe a habilidade que Ulysses Grant demonstrou possuir na Batalha de Shiloh, utilizando, oportunamente o bombardeio naval e deslocando reforços, em navios, para as posições críticas. Mitre poderia, por exemplo, ter embarcado um destacamento de infantaria para desembarcá-lo entre Curupaiti e Humaitá, atacando Curupaiti por todos os lados. Houve, também, desentendimentos entre os generais brasileiros; Polidoro ficou inativo. Seguiram-se acusações e críticas, principalmente contra Tamandaré.

As inimizades vieram à tona. Tamandaré, que era acusado de ser excessivamente cauteloso, inclusive pela imprensa da Argentina, desta vez não teria dado a cobertura de fogo suficiente. Ele, por outro lado, insinuava que Mitre, como argentino, queria que os navios brasileiros se arriscassem, pois poderia ter o interesse de sacrificá-los, para reduzir o Poder Naval brasileiro. O Poder Naval do Império sempre esteve muito presente na Região do Rio da Prata, respaldando os interesses do Brasil em guerras ou em períodos de paz; sua existência podia ser considerada uma ameaça aos interesses da Argentina. É possível que Mitre não tivesse conscientemente essa intenção, de reduzir o Poder Naval brasileiro, porém, mais tarde, Caxias e Inhaúma compartilharam da mesma suspeita. Ela não poderia deixar de ser considerada por um chefe militar, como uma possibilidade.

Como resultado da derrota de Curupaiti e para superar a crise, aceitou-se o afastamento de Tamandaré, que tantos bons serviços prestara na fase inicial da guerra, inclusive organizando um excelente sistema de apoio logístico. Ele é, por tudo que fez antes, durante e depois da Guerra do Paraguai, muito justamente, o patrono da Marinha do Brasil. Tamandaré, porém, estava esgotado, já solicitara sua substituição por motivo de saúde e, dificilmente se entenderia, daí por diante, com Mitre.

O Marquês de Caxias foi, então, designado para o cargo de comandante-em-chefe de todas as forças brasileiras em operações contra o governo do Paraguai. Caxias já havia demonstrado ser um excelente general e estadista. O comando da Força Naval do Brasil coube, por escolha dele, ao Chefe-de-Esquadra – o posto de chefe-de-esquadra corresponde, atualmente, ao de contra-almirante – Joaquim José Ignácio, que foi subordinado a Caxias, mas não ao Comando-Geral de Bartolomé Mitre, mantendo-se o previsto no Tratado da Tríplice Aliança. Agora, havia unidade de comando nas forças brasileiras, porém, provavelmente, mais importante do que isso eram a experiência política dos dois comandantes brasileiros e a amizade que existia entre eles.

Caxias e Joaquim José Ignácio se conheciam há muito tempo; eram amigos e assim se tratavam. Em 1861, por exemplo, quando Caxias foi incumbido de organizar o Gabinete, escolheu o futuro Inhaúma para a pasta de Marinha e para, também, implantar o Ministério da Agricultura e Obras Públicas, recém-criado.

Nomeado em 3 de dezembro de 1866, Joaquim José Ignácio viajou imediatamente para o Paraguai; visitou o túmulo do filho, Tenente Mariz e Barros, morto em combate no Rio Paraná, em frente ao Forte de Itapiru, quando comandava o Encouraçado *Tamandaré*; e, no dia 22, recebeu do Almirante Tamandaré o comando da Força Naval. Assumiu-o como interino. Em 21 de fevereiro de 1867, já promovido a vice-almirante em janeiro, foi nomeado comandante-em-chefe.

Os navios bombardeavam, frequentemente, Curupaiti ao realizarem reconhecimento. Em 14 de janeiro, em sua Ordem do Dia nº 13, Joaquim José Ignácio transcreveu o ofício de Caxias ao Ministro da Marinha, em que ele relatou esses reconhecimentos efetuados sobre as posições inimigas, elogiando a atuação da Força Naval.

Em 15 de agosto de 1867, cerca de oito meses após sua posse, Joaquim José Ignácio comandou a Passagem de Curupaiti, enfrentando o fogo das baterias de terra e ultrapassando estacadas de madeira, no rio. Participaram da passagem dez encouraçados que, logo em seguida, começaram a bombardear Humaitá. Pelo feito, recebeu, pouco depois – em 27 de setembro –, o título de Barão de Inhaúma.

Em sua Ordem do Dia nº 78, de 29 de agosto, Joaquim José Ignácio transcreveu outros dois ofícios de Caxias, datados, respectivamente, de 18 e 17 de agosto, elogiando a operação do dia 15. Caxias reconhece o zelo e perícia de seu amigo, em quem confia e, sem dúvida, seus elogios formais aos feitos da Força Naval são importantes para estimular as tripulações.

A nova posição dos navios da Esquadra brasileira, entre Curupaiti e Humaitá, expunha-os aos tiros dos canhões de Humaitá. Inhaúma considerava que ainda era impossível forçar Humaitá. Caxias, portanto, o autorizou a retornar para Curuzu, se assim julgasse necessário. Isto causou um protesto de Mitre e sua correspondência com Caxias se tornou tensa, com relação ao emprego das forças navais. Mitre acreditava que não se deveria abandonar uma posição conquistada, pois isso afetaria negativamente o ânimo dos aliados e fortaleceria o do inimigo.

No ofício datado de 27 de agosto, para Caxias, Mitre questionou a conveniência da ordem de retirada dada à Esquadra, negando a Caxias a competência para expedi-la sem que tivesse havido prévio acordo e solicitou que a suspendesse. Considerou que aquela posição era importante e que o forçamento de Humaitá deveria ser realizado, por estar

no plano de campanha acordado. Mitre também argumentou que, se era o general-em-chefe dos Exércitos aliados, ele comandava não somente as forças terrestres, mas também as outras forças que concorriam para a guerra no teatro de operações e, portanto, a Esquadra estaria sob sua direção, enquanto estivesse naquelas águas.

Caxias respondeu no dia seguinte, recordando que já havia relatado que considerava uma “indesculpável temeridade arriscar a Esquadra a destruição completa e inevitável, não só na falta de esperança fundada de êxito feliz, como tendo certeza de resultado infrutífero”. Lembrou, também, entre outras observações, que, em suas ordens ao vice-almirante, havia ponderado que, do estado dos navios após a passagem de Curupaiti, decidir-se-ia o que fazer quanto à passagem de Humaitá. Considerando, portanto, as avarias decorrentes da passagem de Curupaiti e a posição difícil em que ficaram os navios, ele havia autorizado o vice-almirante a regressar, quando entendesse que era necessário. Respondeu, também, que pelo Tratado da Tríplice Aliança, não fora conferido a Mitre o comando direto da Esquadra brasileira, mas que isto não queria dizer que ela não estava à disposição para as manobras dos Exércitos aliados. Concluiu que, se no plano de operações constasse a passagem de Humaitá pela Força Naval, ela o faria, se fosse humanamente possível. Caso contrário, ela cooperaria com os Exércitos aliados onde se achava, ou em qualquer posição rio abaixo.

Enquanto isso, Inhaúma, de sua difícil posição, mantinha as fortificações de Humaitá sob frequente bombardeio. Os suprimentos vinham por terra, de um local denominado de Porto Elisário; no início, através de um caminho precário aberto no Chaco, na margem direita do rio. Depois, construiu-se uma estrada de ferro, para apoiar a Esquadra em Porto Elisário. Até do ponto de vista exclusivamente logístico, somente com uma base de suprimentos estabelecida pelos exércitos, acima de Humaitá, haveria condições de efetuar a passagem e manter os navios rio acima.

Mitre considerava que a passagem de Humaitá era tão importante que aceitava a perda de dois terços da Esquadra, ou mesmo, sua perda total, para realizá-la. Voltou, portanto, ao assunto, em setembro, através de novo ofício, que incluía uma memória sobre a situação da guerra e operações que deveriam ser realizadas, insistindo na passagem de Humaitá pela Esquadra. Após um resumo dos ofícios anteriores, ele insistia para

que a posição da Esquadra, junto a Humaitá, fosse mantida, como vinha sendo até então, por ser uma posição conquistada, inclusive devido às vantagens que trazia, em relação ao inimigo. Considerava que isso era válido, mesmo sem forçar a passagem de Humaitá, até que se resolvesse, de comum acordo, o que seria mais conveniente. Afirmou, também, que o abandono dessa posição seria considerado uma derrota. Quanto ao comando da Esquadra, bastava-lhe, por enquanto, que Caxias reconhecesse que não poderia deixar de prestar sua cooperação eficaz, toda vez que ele a solicitasse, para realizar as operações acordadas entre ambos. Em seguida, voltou a insistir em sua interpretação sobre a subordinação da Força Naval brasileira a ele, no teatro de operações, deixando, porém, para os governos dos respectivos países a solução do impasse.

Inhaúma, por sua vez, continuava mantendo a posição conquistada. O bombardeio realizado por seus navios, além de enfraquecer o ânimo dos defensores, conseguiu afundar quatro das chatas que sustentavam as correntes passadas de uma para outra margem do rio, que eram obstáculos em frente à fortaleza.

Caxias respondeu ao ofício de Mitre somente em 24 de dezembro de 1867. Explicou a demora por ter esperado a resposta de Inhaúma, que permanecia muito ocupado, entre Curupaiti e Humaitá. Comentou a memória anexa ao ofício de Mitre e, com referência à passagem de Humaitá, citou um texto de jornal, que descrevia o insucesso do ataque do Comodoro Dupont, da Marinha dos Estados Unidos, com navios encouraçados, a Charlestown, durante a Guerra Civil Americana. Comentou que Charlestown não estava mais bem defendida que Humaitá e que os encouraçados brasileiros não eram melhores do que os do Comodoro Dupont. Referiu-se, também, a outros exemplos, que demonstravam que esquadras de encouraçados tinham seus impossíveis e estes não eram raros, em circunstâncias mais favoráveis do que aquelas em que se achava a Força Naval de Inhaúma. Comentou, também, a vantagem obtida pelos Exércitos aliados, que haviam estabelecido uma fortificação acima de Humaitá, junto ao rio, no Taji. Além de cortar as comunicações de Humaitá com o interior do Paraguai, por via fluvial, também serviria de base para os navios. Negou-se, em seguida a comentar as acusações que Mitre também fizera, em seu ofício, a Tamandaré e, depois, disse que não se alongaria na dis-

cussão das opiniões emitidas por Mitre, com algumas das quais não concordava inteiramente, ou absolutamente. Desculpou-se, concluindo que, com o inimigo à vista e as preocupações da guerra, declinava dessa discussão, que, em sua opinião, naquele momento, não teria razão de ser.

Em 14 de janeiro de 1868, devido ao falecimento do vice-presidente, Mitre precisou reassumir a presidência da Argentina e deixou o Paraguai, passando o Comando-em-Chefe das Forças Aliadas para Caxias.

Enquanto isso, Inhaúma, mantendo Humaitá sob bombardeio, esperava o momento certo para agir. O respaldo e a confiança que sempre tivera de Caxias, seu superior, durante todo esse período de dificuldades, permitia-lhe agir sem precipitações. Os primeiros três monitores construídos no Arsenal de Marinha, que seriam fundamentais para o sucesso da operação, chegaram ao Paraguai no final de dezembro e juntaram-se à Força Naval, em Porto Elisiário. Eram navios encouraçados, projetados e construídos no País, com características que incluíam as inovações do *Monitor*, da Guerra Civil Americana, como o canhão instalado em uma torre contêrvel, na linha de centro do navio, e com requisitos de projeto que os adequavam para as peculiaridades das operações no Rio Paraguai. Em 14 de janeiro, uma enchente do Rio Paraguai mostrou que o sistema defensivo de correntes podia ser ultrapassado, por navios de pequeno calado, bombardeando antes as chatas que sustentavam as correntes, e aproveitando uma próxima oportunidade.

Na madrugada de 19 de fevereiro de 1868, iniciou-se a Passagem de Humaitá. A Esquadra de Inhaúma intensificou o bombardeio e a Divisão Avançada comandada pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra Delfim Carlos de Carvalho, genro de Inhaúma, depois Almirante e Barão da Passagem, avançou, rio acima, para ultrapassar os obstáculos e as fortificações da margem. Essa Divisão era formada por seis navios, os Encouraçados *Barroso*, *Tamandaré* e *Bahia* e os Monitores *Rio Grande*, *Pará* e *Alagoas*. Deles, somente o *Bahia* não fora construído no Brasil. O *Bahia*, por suas características, também era um monitor, mas, nessa guerra, somente os construídos no Arsenal do Rio de Janeiro são assim denominados pelos brasileiros. Eles acometeram a passagem formando três pares compostos, cada um, de um encouraçado com um monitor amarrado ao seu contrabordo. Esse arranjo, aos pares, fican-

do os encouraçados no lado mais vulnerável ao fogo de artilharia de terra, repetia um arranjo semelhante, que ocorrera na campanha do Mississipi, em uma das passagens da Força Naval nortista por Vicksburg, em abril de 1863. Vários oficiais da Marinha e do Exército do Brasil estudaram a Guerra Civil americana, que era muito relevante para as táticas a serem empregadas no Rio Paraguai. Caxias, em um de seus ofícios a Mitre, citou o insucesso do Comodoro Dupont em Charlestown; Inhaúma citou Porter e Farragut, como exemplos, em sua Ordem do Dia nº 76, de 14 de agosto de 1867, mas não conheço referência de terem conscientemente copiado o arranjo de Vicksburg.

Ao meio-dia, os seis navios da Divisão Avançada chegaram a Taji, tendo, antes, enfrentado as baterias do forte paraguaio do Timbó, que tinha, na avaliação do comandante do Alagoas, cerca de 12 canhões de grosso calibre, até então desconhecido dos aliados. Três dos seis navios tiveram que ser encalhados para não afundarem. O *Alagoas* fora atingido por mais de 160 projetis. Estava, no entanto, vencida Humaitá, que, aos poucos, seria desguarnecida pelos paraguaios. O Brasil não perdera um único navio.

Caxias escreveu uma carta para Inhaúma, datada de 20 de fevereiro:

"Meu amigo. A sua Esquadra brilhou: não se podia fazer mais, nem com mais habilidade. Estive já ontem com o Delfim (Delfim Carlos de Carvalho) a quem dei um apertado abraço. E agora vem o cumprimento do plano por parte do Exército: Eu por terra fiz o que lhe prometi: não mandei, fui em pessoa dirigir uma coluna de seis mil homens das três armas, na hora ajustada para a passagem dos monitores e encouraçados da Esquadra, e com essa força atacar o exterior de Humaitá; tomei depois de três horas de renhido combate, o forte do flanco esquerdo daquela praça, que estava guarnecido com 15 bocas de fogo, todas já estão no meu acampamento... Seu amigo e colega Luís".

Em sua Ordem do Dia nº 123, de 1ª de março, Inhaúma transcreve a Ordem do Dia nº 5, de Caxias, sobre a Passagem de Humaitá. Inhaúma comenta que "nunca os serviços da Marinha brasileira foram tão autêntico e pomposamente reconhecidos, nunca foi ela tão eloquentemente recomendada ao reconhecimento da Pátria e ao da posteridade".

Ultrapassada e flanqueada, a posição defensiva do Paraguai, baseada em Curupaiti e Humaitá, perdeu sua importância. Foi sendo

abandonada e acabou conquistada pelos Exércitos da Tríplice Aliança. As tropas paraguaias recuaram para o Norte do Rio Tebiquari. López preferiu, em seguida, concentrar suas defesas no Piquissiri, mais próximo de Assunção, fortificando, posteriormente, Angustura, na sua foz. A linha paraguaia possuía cerca de 100 canhões, apoiava-se à direita em Angustura, e à esquerda em alagados, chamados de esteiros.

Cabia a Caxias avançar em direção à capital, Assunção, no norte. Essa é uma fase do conflito em que as operações combinadas foram de vital importância para o resultado da guerra. A interação entre Caxias e Inhaúma foi intensa e eficaz. A confiança existente entre os dois – chefe e subordinado –, já demonstrada naquele período difícil, após a Passagem de Curupaiti e antes da de Humaitá, foi muito importante para o sucesso que mais tarde foi alcançado.

No dia 8 de agosto de 1868, Caxias embarcou no Encouraçado *Bahia* para examinar um local de desembarque para as tropas que atacariam o reduto paraguaio do Timbó. Muitas vezes depois, ele utilizou os navios para realizar reconhecimentos ao longo do Rio Paraguai. Empregou-os, também, para transportar tropas, que eram desembarcadas em locais convenientes para os ataques, e utilizou a artilharia naval para apoiar operações ribeirinhas, até mesmo distraindo a atenção do inimigo.

No dia 16 de agosto, Inhaúma começou a subir o Rio Paraguai com parte da Força Naval brasileira, passando pela bateria paraguaia instalada no Timbó, com poucas avarias em seus navios. No mesmo dia, no Taji, incorporou à sua força os navios da Divisão Avançada que vencera Humaitá, comandada por Delfim e prosseguiu para Pilar. A maior parte do Exército iniciou sua marcha para o norte, pela margem esquerda do Paraguai, no dia 19. No dia 22, o Encouraçado *Lima Barros* informou que o Timbó fora abandonado pelos paraguaios. Por ordem de Caxias, um dos monitores transportou um destacamento de engenheiros para arasar o reduto.

Seguiu-se, de importante, a transposição do Tebiquari pelas forças terrestres aliadas. Caxias empregou novamente, com competência, a força naval. Três monitores penetraram no Rio Tebiquari e encouraçados bombardearam a bateria paraguaia instalada na foz desse rio até ser abandonada, no dia 29, pelos inimigos. Depois, outros navios de guerra brasileiros entraram no Tebiquari,

transportando o trem de pontes do Exército. Em primeiro de setembro, iniciou-se a transposição e no dia 6, quase todo o Exército já estava na margem direita e, pouco depois, prosseguiu em seu avanço para o norte e chegou a Palmas em 24 de setembro, vencendo diversos cursos d'água, atoleiros e chuvas, em terreno praticamente desconhecido.

Simultaneamente a essa transposição, a Segunda Divisão da Esquadra, comandada pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra Mamede Simões da Silva, foi designada para hostilizar Angustura, no Piquissiri. Chegou ao objetivo em 7 de setembro. O Encouraçado *Silvado* ultrapassou Angustura, recebendo 30 acertos de balas inimigas. Depois de bombardear a fortificação e outros alvos na margem, com seus navios, Mamede foi fundear à jusante, fora do alcance das baterias inimigas.

Concentrando-se em Palmas, o Exército aliado iniciou, no dia 28 de setembro, os primeiros reconhecimentos das defesas paraguaias no Piquissiri. Os navios foram empregados para bombardear o flanco direito do inimigo. O Barão da Passagem (Delfim Carlos de Carvalho), no dia primeiro de outubro, com quatro navios, simultaneamente a um desses reconhecimentos por terra, ultrapassou Angustura, com a tarefa de fazer um reconhecimento, rio acima. No dia 10 e no dia 15, outros navios brasileiros ultrapassaram Angustura, inclusive o Encouraçado *Brasil*, capitânia de Inhaúma, porém ainda sem o almirante a bordo. O *Brasil* voltou a passar Angustura, rio abaixo, em 21 de setembro, para regressar transportando munição e o Almirante Inhaúma, rio acima, no dia 26, com mais outros dois navios. Dessa posição à montante de Angustura, foram empregados para bombardear e metralhar o campo inimigo e a fortificação, para distrair a atenção do inimigo, durante os principais reconhecimentos e surtidas de forças terrestres.

Verificando que as defesas paraguaias no Piquissiri eram muito difíceis de vencer com um ataque frontal, Caxias optou por uma ousada manobra de flanco pela margem direita do Rio Paraguai, onde se situava o Chaco. Era um terreno pantanoso, com lagoas e cursos d'água, sujeito a alagamentos imprevisíveis. Era preciso construir uma estrada com os materiais existentes no local, forrando o solo dos atoleiros e improvisando pontes com troncos da palmeira carandá, para passar as tropas, canhões, carretas; todo o equipamento de guerra. Foi uma obra notável, com 10,7 quilômetros de extensão, que utilizou aproximadamente mil palmeiras e que, poucos dias

depois de usada, foi submergida por uma enchente do Rio Paraguai. Essa estrada terminava acima de Angustura, pois não se poderia transportar tropas nos conveses dos navios ao passar pelas baterias dessa fortificação.

No dia 4 de setembro, Caxias percorreu a nova estrada, a cavalo, até a margem em frente à Vileta. Embarcou, em seguida, no Monitor *Rio Grande* e subiu o rio, para escolher um local do desembarque, na margem esquerda. Voltou a percorrê-la outras vezes, não deixando de interagir com os navios de Inhaúma, que estavam disponíveis a montante de Angustura.

Nos últimos dias de setembro, com o nível do Rio Paraguai subindo, tornou-se urgente a realização da operação. Logo, as tropas iniciaram seu deslocamento. Enquanto isso, a força naval de Inhaúma bombardeava Vileta com frequência, para dificultar a construção de defesas.

O Barão da Passagem recebeu, então, ordens para subir o rio até Assunção, com os Encouraçados *Bahia* e *Tamandaré* e os Monitores *Alagoas* e *Rio Grande*, para desviar a atenção dos paraguaios. No dia 29 de setembro, esses navios bombardearam Assunção, mirando em objetivos militares, como o arsenal e o estaleiro, e edifícios públicos, onde havia bandeiras, inclusive o palácio presidencial, que foi avariado.

Inhaúma expediu, em 2 de dezembro, suas instruções sobre a operação para atravessar o Rio Paraguai e para desembarcar as tropas, que haviam avançado pela estrada do Chaco, na margem esquerda. Era sua tarefa, nessa grande operação combinada da Guerra da Tríplice Aliança. Alguns dos navios serviram de transporte, outros bombardeariam Vileta, que era onde os paraguaios esperavam que ocorresse o desembarque.

Na noite de 4 para 5 de dezembro os navios designados para transportar as tropas para a margem esquerda, na retaguarda das defesas paraguaias, iniciaram a cumprir sua missão. O ponto escolhido para desembarque foi San Antonio, acima de Vileta. No final do dia 5, haviam desembarcado uns 17 mil homens e prosseguiram transportando tropas, até o dia 9. O avanço para o sul iniciou-se no dia 6. Essa magnífica operação militar possibilitou a Dezembrada, em que, em uma sucessão de combates – Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e outros –, o Exército paraguaio foi derrotado. Seguiu-se a ocupação de Assunção. A guerra teria acabado se Solano López

não tivesse fugido para a Cordilheira, onde prolongou a agonia do Paraguai por mais um ano, até 1870, recrutando crianças e velhos para reforçar o que restara de seu Exército.

Caxias e Inhaúma estavam exaustos, nesse final do ano de 1868 e início de 1869. A saúde de ambos estava abalada, não tinham mais condições físicas e psicológicas para prosseguir. Caxias desanimara após o enorme e corajoso esforço dos últimos meses, para manter um Exército extenuado atacando posições defensivas. As doenças antigas de Inhaúma haviam se agravado, sua vida chegava ao fim. Caxias o autorizou a se retirar para Montevidéu. Passou “a direção de todo o movimento” da Força Naval para o Barão da Passagem, em 16 de janeiro de 1869 (Ordem do Dia nº 204), sem deixar, porém, de ser seu comandante-em-chefe. Em Montevidéu, foi exonerado do cargo, conforme solicitara, e para substituí-lo foi designado o Chefe-de-Esquadra Elisiário Antonio dos Santos. Foi, também, promovido a almirante e elogiado pelo Imperador.

No dia 18 de fevereiro, o Almirante Joaquim José Ignácio, Visconde de Inhaúma, regressou ao Rio de Janeiro, após comandar a Força Naval do Brasil em Operações de Guerra contra o Governo do Paraguai, durante aproximadamente dois anos. Essa foi sua última viagem. Estava exausto, a guerra e a doença haviam lhe consumido todo o vigor. Desembarcou da Corveta *Niterói* em uma maca e, no cais do Arsenal, foi, praticamente, carregado pelos parentes e amigos. “Voltaram seus restos, quase inanimados”, como noticiou um jornal. Faleceu, um mês depois, em 18 de março.

Inhaúma foi, sem dúvida, um dos principais artífices da difícil vitória alcançada, numa guerra cruel, em território remoto e hostil, em que o Rio Paraguai era a artéria da logística dos exércitos em operações. Foi uma tarefa grandiosa, conduzida com bom senso e competência; ainda mal compreendida, por muitos, mesmo em nossos dias, principalmente no que se refere ao papel desempenhado pela Marinha do Brasil. Um detalhe muito importante que, sem dúvida, foi de fundamental importância para o bom êxito alcançado nessa guerra, foi o perfeito entendimento e cooperação entre o Marquês de Caxias e o Visconde de Inhaúma.